

ESTUDO COMPARATIVO DAS DINÂMICAS URBANAS DO RECIFE E DE BRASÍLIA À LUZ DOS RESPECTIVOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Mariana Simões de Oliveira Castro^{1*}, Amanda Ramos Arena ², Tomás de Albuquerque Lapa³

1. Estudante de Arquitetura e Urbanismo - UFPE

2. Estudante de Arquitetura e Urbanismo - UFPE

3. Prof. Titular - Teoria e História de Arquitetura e Urbanismo (UFPE) - Orientador

Resumo:

A configuração do meio urbano influencia diretamente na vivência das pessoas e seu desenho pode estimular a ocupação ou degradação e abandono dos espaços públicos.

Brasília e o Recife, grandes capitais brasileiras, resultam de processos de concepção do urbano particulares. A primeira, pautou-se por ideais urbanísticos modernistas, enquanto a outra manteve uma criação e disposição mais espontânea do tecido urbano, ambas apresentando vivências também distintas.

O presente estudo tem como objetivo contrapor esses dois modelos com o intuito de avaliar qual das duas cidades possui mais potencial para estimular o uso do espaço público pelos habitantes.

Após o estudo e comparação, observou-se que o Recife possui uma dinâmica urbana mais diversificada, tendo em vista que a heterogeneidade de usos encontrada no tecido urbano consegue abranger uma maior parcela da população, estimulando o uso do espaço urbano em diferentes horários e por diferentes classes sociais.

Palavras-chave: Formação do espaço urbano; escalas de Brasília; Recife.

Introdução:

Objetivando a construção da nova capital do país, o Presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, instituiu o concurso para a elaboração das diretrizes urbanísticas presentes no que viria a ser Brasília. Seus desejos para o projeto foram baseados nos ideais da arquitetura modernista, que estavam sendo disseminados por todo o mundo.

O projeto vencedor foi o de Lúcio Costa, que estabeleceu traçados e disposições urbanísticas baseados na Carta de Atenas de 1933. O plano ficou conhecido como “Plano Piloto de Brasília” e, décadas depois, conquistou o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, segundo a UNESCO.

As diretrizes atribuídas à proposta tiveram como base a definição de dois eixos viários principais, que priorizaram o deslocamento por meio automotivo, e de quatro escalas. A primeira delas é a escala monumental, que abrange os principais espaços simbólicos, ao longo do Eixo Monumental, e confere ao ambiente a importância de capital nacional do país. Em seguida, a escala residencial, encontra-se nas superquadras abertas, compostas por residências, comércio e serviços locais e está presente sobretudo ao longo do eixo norte-sul. A escala gregária, por sua vez, abrange as áreas destinadas aos setores de bancos, comércios, diversão, médico-hospitalares e encontra-se no cruzamento do eixo monumental e residencial. Por fim, a escala bucólica inclui as grandes

extensões de áreas verdes, conferindo a Brasília a característica de cidade-parque.

Se, por um lado, a concepção do projeto visava à criação de uma cidade setorizada, de forma a facilitar a vivência da população e a administração do espaço urbano, por outro lado, essa mesma concepção deu origem a certos problemas. Um exemplo pode ser verificado nas grandes extensões a serem percorridas entre os conjuntos de edificações. Assim, o estímulo ao uso do carro cresce, proporcionado por uma cidade que, desde seus primórdios, reservou ao automóvel um papel primordial.

Em contrapartida, vê-se que existem cidades que se desenvolveram de forma espontânea, de acordo com as necessidades da população, em momentos distintos. Esse processo, mais diversificado, suscita questionamentos no que diz respeito à concepção das cidades planejadas, como é o caso de Brasília.

A partir desta ideia, o presente estudo procura averiguar e analisar o desenho da cidade do Recife, com base nas escalas atribuídas a Brasília, e como a configuração do seu tecido urbano influencia na vivência urbana em comparação à capital do país.

Metodologia:

O estudo conduzido foi iniciado por um período de pesquisa e aprofundamento da história de Brasília, de sua concepção e desenvolvimento, considerando os ideais da época e os arquitetos envolvidos em seu planejamento. Tudo isso proporcionou uma nova perspectiva de sua disposição e funcionamento. A partir do entendimento teórico da configuração urbana da capital federal, partiu-se para um estudo das diversas críticas feitas ao seu desempenho como cidade e da qualidade de vida ofertada aos seus moradores. Nesse caso, o intuito foi de melhor perceber o vínculo dos ideais modernistas e suas consequências na vivência urbana.

Em seguida, viu-se a necessidade de melhor compreender as

relações da cidade que a tornam um ambiente responsivo e convidativo. Por isso, a pesquisa foi direcionada a estudos teóricos e bibliográficos acerca dos problemas e das soluções urbanísticas, tanto de cidades do período modernista quanto das cidades que se desenvolveram e cresceram espontaneamente. Para isso, foram consultadas as obras de grandes teóricos, como Jane Jacobs (*Morte e vida de grandes cidades*, 1961), famosa principalmente por suas críticas ao planejamento e administração urbana de Nova Iorque; Benjamin Moser (*Autoimperialismo*, 2016), que faz uma abordagem ao planejamento de Brasília, com base na sua estada no local; Ian Bentley (*Responsive Environments: a manual for designers*, 1985), que apresenta diretrizes para um ambiente responsivo, e Jan Gehl (*Cidade para pessoas*, 2014), que aborda questões relacionadas com a priorização do espaço público para o pedestre e bicicletas, estimulando a ocupação dos espaços públicos pela população.

De posse das informações coletadas, partiu-se para uma nova fase do estudo onde as pesquisas foram direcionadas à cidade do Recife, de modo a entender seu crescimento espontâneo e compará-lo ao desenvolvimento planejado de Brasília. Com isso, buscou-se estabelecer uma comparação teórica que demonstrasse as semelhanças e diferenças entre as duas capitais, de modo a visualizar as consequências do desenho urbano de cada uma.

Resultados e discussão:

Ao analisar a configuração urbana da cidade do Recife, é possível constatar um processo de ocupação espontânea, que foi-se desenvolvendo de acordo com as necessidades da população. Desprovida de um planejamento prévio, a cidade tomou um traçado orgânico, que se originou em sua zona portuária, correspondendo ao atual bairro do Recife. Em seguida,

prolongou-se primeiramente ao longo da várzea dos rios e, depois, das vias férreas. Posteriormente, acompanhou os eixos rodoviários, que possibilitaram o crescimento da cidade até atingir o patamar em que se encontra hoje.

Diferentemente de Brasília, a cidade do Recife não possui uma setorização funcional estabelecida, o que impossibilita a aplicação direta das escalas de Lúcio Costa ao seu território. Ainda assim, é possível localizar, por meio de recortes na malha urbana, os mesmos conceitos das escalas, colocados em prática em áreas específicas da cidade que se aproximam do ideário modernista.

No caso da escala residencial, podemos encontrar uma releitura de suas diretrizes no Conjunto Residencial Ignez Andreazza, que possui a mesma ideia de solo democratizado. Nesse caso, o solo pertence tanto aos moradores da área quanto aos transeuntes, além de oferecer diversos equipamentos especiais para a população, como instrumentos educacionais e de lazer. Outro exemplo desta escala encontra-se na Cidade Universitária, que apresenta o traçado de uma cidade modernista, com vastas áreas livres e edifícios soltos no terreno. Em ambos os casos, observa-se também a presença de edifícios modernistas, com formatos puros e simples, e essencialmente funcionais.

Já a escala monumental, que é caracterizada principalmente pelo porte de determinados conjuntos edificadas, não se mostra tão evidente no Recife, uma vez que a cidade é densamente ocupada, deixando poucas áreas livres que possam abrigar tais conjuntos monumentais. Por isso, o exemplo mais próximo encontrado foi o do Parque Dona Lindu que, apesar de ser relativamente pequeno, se comparado ao conjunto dos edifícios que o circundam, revela claramente em seu projeto a intenção de monumentalidade, uma vez que seu porte e formato se

destacam na área verde e livre ao seu redor.

A escala gregária toma uma proporção bem diferente quando aplicada ao Recife, onde as áreas de interseção de diferentes usos são menores e mais frequentes. Contudo, têm-se ainda áreas que possuem comércio e serviços concentrados, gerando assim grande fluxo e densidade construtiva. Um grande exemplo da escala gregária no Recife é o Pátio de Nossa Senhora do Carmo, no bairro de Santo Antônio.

Por fim, a escala bucólica dificilmente pode ser aplicada ao Recife, devido à alta densidade construtiva que impede o desenvolvimento dessas áreas de transição entre os espaços construídos e os espaços livres. O mais próximo à escala bucólica encontrado na cidade do Recife são áreas verdes, como o Parque da Jaqueira, que oferece lazer e alívio ao aglomerado de edificações da malha urbana.

Conclusões:

As escalas definidas por Lúcio Costa desempenharam papel chave no planejamento e desenvolvimento de Brasília, retomando os pensamentos modernistas de Le Corbusier e transformando a capital brasileira em referência internacional.

O desenho das quadras, a setorização e a delimitação de eixos são algumas das diversas características que fazem de Brasília uma cidade modernista. A divisão setorizada da cidade foi vista como um meio facilitador para a vida dos moradores locais e o veículo foi colocado em primeiro plano, servindo como instrumento para conectar as diferentes zonas planejadas.

Desta forma, em Brasília vê-se um caso genuíno de cidade modernista, criada e projetada para funcionar de acordo com o zoneamento e as funções destinadas a cada área da capital. Sendo assim, a configuração de Brasília não é encontrada na maioria das cidades brasileiras, tendo em vista as

diferentes formas de desenvolvimento de cada uma delas.

Dentre as diversas cidades encontradas no território brasileiro, tomou-se o caso do Recife, uma metrópole nordestina que se desenvolveu de modo espontâneo, em resposta à necessidade de crescimento da população e ao poder do mercado imobiliário. O Recife não contou com o planejamento prévio da ocupação de seu território, como foi o caso de Brasília, mas, nem por isso, deixa de ser uma cidade funcional e responsiva, que dispõe de uma identidade própria.

Dessa maneira, vemos que a concepção de uma cidade a partir de escalas pré-determinadas, como foi o caso de Brasília, auxilia no processo construtivo e administrativo da cidade, fazendo com que todas as categorias de uso e tipologias arquitetônicas sejam obrigatoriamente inseridas no meio urbano. Porém, segundo os teóricos analisados, deve-se atentar ao fato de que os usos e tipologias, sempre que possível, devem assegurar uma diversidade tal que respondam a diferentes interesses e demandas, como moradia, comércio e serviços, contemplando pessoas de diversas classes e gostos. Assim, o ambiente construído pode ser utilizado em horários diferentes e para situações distintas.

A partir desse pensamento, ao compararmos as duas capitais, percebe-se que o Recife possui um maior potencial quanto à dinâmica urbana, no sentido de estimular o uso do espaço público e atrair não só mais diversidade, como também vida para a cidade. Quanto a Brasília, homogênea em seus usos, demonstra, mesmo sem intenção, pouca receptividade a seus habitantes, ilustrada na citação de Jane Jacobs:

“Para compreender as cidades, precisamos admitir de imediato, como fenômeno fundamental, as combinações ou as misturas de usos, não os usos separados.”

Referências bibliográficas:

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENTLEY, Ian et al. **Responsive Environments: A Manual for Designers**. London: The Architectural Press, 1985.

MOSER, Benjamin. **Autoimperialismo: Três ensaios sobre o Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

BRASIL, Beatriz. **As quatro escalas de Brasília**. 2011. Disponível em: <<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2011/02/23/as-quatro-escalas-de-brasilgia/>> Acesso em 16/10/16.

Brasília: as escalas de Lúcio Costa, 2011. Disponível em: <<http://limiaretransformacao.blogspot.com.br/2011/04/brasilia-as-escalas-de-lucio-costa.html>> Acesso em 16/10/16

Escalas do plano piloto – Residencial, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jh2GZiRS8-0>> Acesso em 16/10/16

FUKUYOSHI, Samanta. **Conheça a sua capital: Brasília em quatro escalas**, 2014. Disponível em: <<http://www.setur.df.gov.br/noticias/item/3705-conhe%C3%A7a-a-sua-capital-bras%C3%ADlia-em-quatro-escalas.html>> Acesso em 19/10/16